

A EXPRESSÃO DE INTENSIDADE EM LIBRAS

THE EXPRESSION OF INTENSITY IN BRAZILIAN SIGN LANGUAGE (LIBRAS)

André Nogueira XAVIER
UFPR
andrexavier@ufpr.br

RESUMO

Trabalhos acerca da expressão de intensidade nas línguas sinalizadas reportam o uso de expressões não-manuais (ENMs) e de mudanças no movimento (WILBUR; MALAIA; SHAY, 2012) e no número de mãos (JOHNSTON; SCHEMBRI, 1999; XAVIER, 2013, 2014) em sua manifestação. Este trabalho objetiva contribuir com o avanço na descrição desse processo na língua brasileira de sinais (libras), por meio da análise de 27 sinais, produzidos isoladamente em suas formas basal e intensificada por dois sujeitos surdos do sexo feminino da cidade de São Paulo. Os resultados indicam que, a despeito da diversidade de recursos manuais e não-manuais, a intensificação em libras parece ser presidida pelo princípio da iconicidade.

PALAVRAS-CHAVE: libras; intensidade; recursos manuais; recursos não-manuais; iconicidade.

ABSTRACT

Research on the expression of intensity in signed languages has reported the use of non-manuals and changes in the movement (WILBUR; MALAIA; SHAY, 2012) and number of hands (JOHNSTON; SCHEMBRI, 1999; XAVIER, 2013, 2014) in its manifestation. This paper aims to contribute with the advance in the description of this process in Brazilian Sign Language (Libras), through the analysis of 27 signs, produced in isolation in their baseline and intensified forms by two female deaf subjects from the city of São Paulo. The results indicate that, despite the diversity of manual and non-manual resources, intensification in Libras seems to be governed by the iconicity principle.

KEYWORDS: *Libras; intensity; manual resources; non-manual resources; iconicity.*

0. Introdução

A expressão de intensidade em línguas como o português e o inglês, por exemplo, se dá, em geral, por meio do uso de intensificadores como 'muito' e 'very', respectivamente. Em virtude de tais intensificadores serem lexicalmente independentes, pode-se dizer que a intensificação expressa por meio deles é de natureza sintática. Esse processo, porém, pode se manifestar morfológicamente em algumas línguas. Em português, por exemplo, adjetivos, além da intensificação sintática (cf. 'muito cuidadoso'), admitem também intensificação morfológica, através do acréscimo do sufixo '-íssimo' (cf. 'cuidadosíssimo') (BASÍLIO, 1987: 86). Somando-se a isso, aspectos prosódicos também podem ser empregados na intensificação. Um exemplo pode ser observado no uso de 'long' do inglês que, segundo LIDDELL (2003: ix), pode apresentar mudança na duração, no *pitch* e na intensidade da vogal, quando se intensifica seu significado.

Poucas são as pesquisas que investigam esse mesmo processo nas línguas sinalizadas. Diante disso, este trabalho objetiva contribuir com o preenchimento dessa lacuna e avançar na descrição da expressão de intensidade na língua brasileira de sinais (libras). Especificamente, este trabalho pretende (1) comparar as formas basal e a intensificada de 27 sinais da libras, tal como produzidas por dois sujeitos surdos do sexo feminino da cidade de São Paulo, a fim de identificar os recursos manuais e não-manuais empregados para expressar intensidade e (2) comparar as formas intensificadas de todos os sinais, objetivando com isso identificar padrões no processo de intensificação em libras.

Para tanto, na seção 1, são sumarizados os trabalhos que versam sobre intensidade tanto na língua de sinais americana (ASL, de *American Sign Language*), quanto na língua brasileira de sinais, libras. Na seção 2, são descritos os procedimentos metodológicos empregados na análise dos dados aqui investigados. Na seção 3, são apresentados e na 4, discutidos, os resultados obtidos. Finalmente, na seção 5, são apresentadas as considerações finais.

1. A expressão de intensidade nas línguas de sinais

Nesta seção, são sumarizados os poucos trabalhos encontrados sobre a expressão de intensidade em línguas sinalizadas. Primeiramente, apresentam-se os achados de WILBUR, MALAIA E SHAY (2012) acerca desse processo na língua de sinais americana (ASL) e, na sequência, os de XAVIER (2006, 2013, 2014) e XAVIER E BARBOSA (2013) na libras.

1.1 ASL

WILBUR, MALAIA E SHAY (2012), em seu estudo sobre a intensificação de adjetivos da língua de sinais americana (ASL), reportam que essa língua dispõe de um item lexical equivalente ao intensificador 'very' (muito) do inglês (Figura 1). Porém, advertem que além de seu uso ser bastante restrito, ele não é visto como uma forma autêntica de intensificar na ASL. Ele é sentido como calque do inglês.



Figura 1. Sinal VERY (muito) da ASL (WILBUR; MALAIA; SHAY, 2012: 94)

Segundo os autores, a intensificação de adjetivos é geralmente expressa por meio de modificações que tornam sua forma visivelmente diferente de sua realização basal. As modificações identificadas por Wilbur, Malaia e Shay, listadas no quadro (1), se referem a modificações referentes à tensão e movimentação de partes do corpo.

Aumento na tensão das mãos e da face;	
Modificações no movimento:	- Acréscimo ou aumento da trajetória do movimento; - Demora na soltura do início do movimento;
Modificações nas expressões não-manuais (ENMs) (face, cabeça, corpo):	- franzimento da face; - Inclinação da cabeça.

Quadro 1. Modificações na forma de adjetivos para expressar intensidade (traduzido de WILBUR; MALAIA; SHAY, 2012: 95)

Um exemplo da ocorrência dessas modificações pode ser observado na intensificação do sinal LONGE¹ (far) da ASL. Comparada à sua forma basal

¹ A notação dos sinais citados neste trabalho segue o sistema de glosas adotado e descrito por Felipe de Souza (1998). Notam-se os sinais por meio de uma palavra que corresponde a uma de suas traduções possíveis para o português. Nos casos em que essa tradução, sempre grafada com letras maiúsculas, resulta em mais de uma palavra do português, utiliza-se o hífen como forma de indicar que elas representam conjuntamente um mesmo sinal. Empregam-se o arroba (@) no lugar de desinências de gênero de palavras do português, em virtude de os sinais não apresentarem marcas do mesmo tipo. Representam-se verbos sempre por meio

(Figura 2), a forma intensificada desse sinal (Figura 3) apresenta alterações nas expressões não-manuais: inclinação da cabeça e franzimento da face durante toda a sua realização, e abertura da boca após o início do movimento da mão (a partir da figura (3c)). Além disso, observa-se mudança nas atividades da mão: o início do movimento do sinal é retardado, uma vez que a mão é mantida em suspensão por algum tempo (Figura 3 a-b).



Figura 2. Sinal LONGE (far) (WILBUR; MALAIA; SHAY, 2012: 94)



Figura 3. Sinal LONGE (far) com soltura retardada (a-b), abertura da boca no o início do movimento da mão (a partir de c) (WILBUR; MALAIA; SHAY, 2012: 95)

Wilbur, Malaia e Shay ainda reportam que, com alguns adjetivos, vê-se na forma intensificada ou a oralização da palavra 'too' (tão) concomitante à sua articulação ou a realização do sinal soletrado T-O-O (tão) antes do adjetivo. Os autores também mencionam o uso de outro intensificador que, por ainda não ter uma glosa convencional, é designado por eles como Y-OO (Y faz referência à sua configuração de mão e OO ao seu movimento circular) (Figura 4).

da forma infinitiva do seu correspondente em português, em razão de os verbos das línguas sinalizadas não apresentarem marcas de flexão número-temporal.

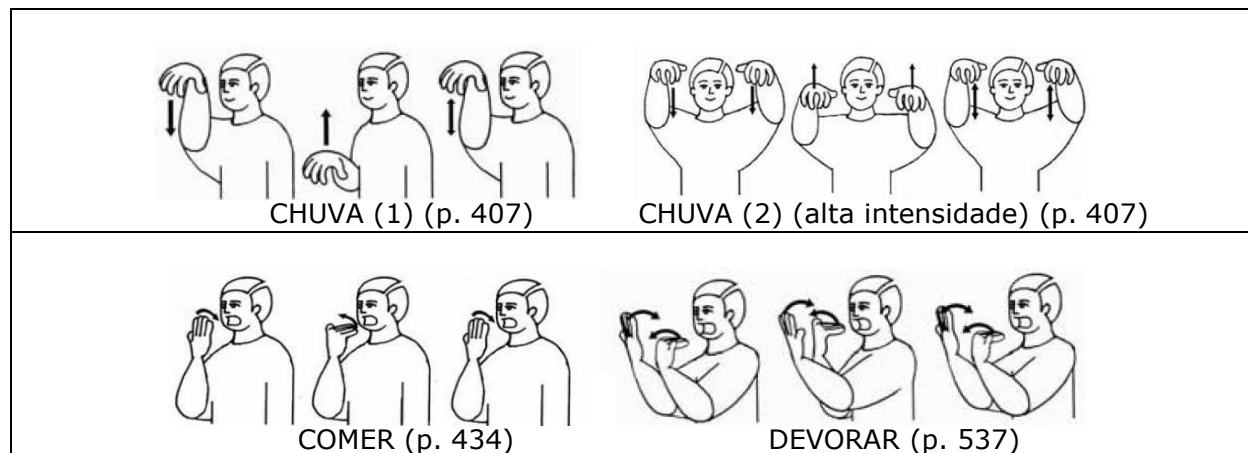


Figura 4. Intensificador Y-OO (tão/muito) (WILBUR; MALAIA; SHAY, 2012: 96)

De acordo com Wilbur, Malaia e Shay, existem restrições combinatórias envolvendo esse sinal, dado que ele não pode intensificar, por exemplo, o adjetivo LAMENTÁVEL (sorry). Somando-se a isso, quando Y-OO antecede adjetivos, estes não apresentam a soltura retardada, normalmente observada na forma intensificada. Os autores acreditam que isso possa sugerir que o intensificador Y-OO e a soltura retardada estejam em distribuição complementar na expressão de intensidade na ASL, porém salientam que ainda não têm dados suficientes para confirmar essa hipótese.

1.2. Libras

A expressão de intensidade na libras é um tema ainda pouco investigado. Uma das primeiras menções a esse processo na referida língua provém do trabalho de XAVIER (2006). Dentre os 2274 sinais do dicionário de CAPOVILLA e RAPHAEL (2001) que analisou, o autor identificou, assim como JOHNSTON e SCHEMBRI (1999) na língua de sinais australiana, alguns sinais monomanuais cuja intensificação parece implicar sua realização com duas mãos (Figura 5)².



² Esse mesmo processo foi identificado na língua de sinais australiana (Auslan) por Johnston e Schembri (1999).

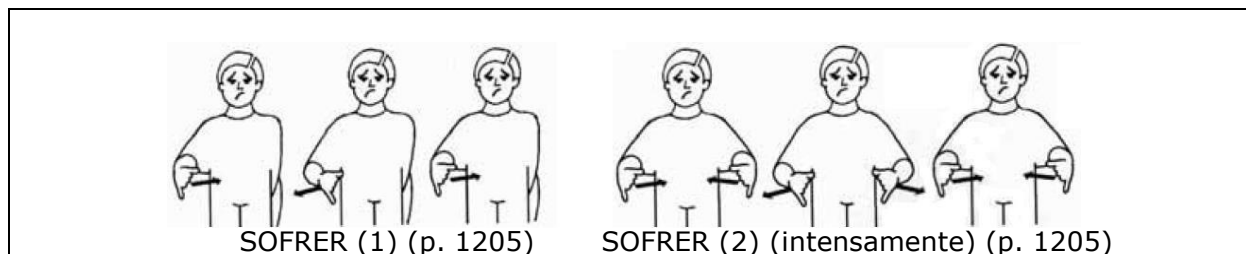


Figura 5. Casos de duplicação do número de mãos para a expressão de intensidade (CAPOVILLA; RAPHAEL, 2001)

Dados de sinalização espontânea documentados por Xavier e Barbosa (2013) corroboraram essa observação inicial. Entre os casos registrados pelos autores, encontra-se o sinal RIR (Figura 6), que, como mostrado em (6b), pode ser realizado com duas mãos, quando significa 'rir muito'.

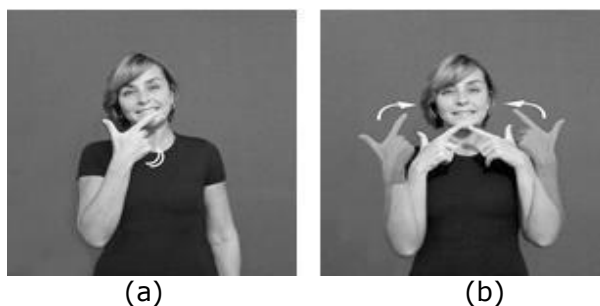


Figura 6. Sinal RIR em suas formas basal (a) e intensificada (b) (XAVIER; BARBOSA, 2013: 121)

Esse mesmo sinal fez parte de um estudo conduzido por XAVIER (2014, 2015), no qual se apresentaram a duas sinalizantes surdas as formas monomanual e bimanual de 23 sinais da libras e se solicitou que estas exemplificassem o uso de cada uma delas. Os exemplos produzidos, posteriormente reanalisados por SANCHEZ-MENDES e XAVIER (2016), reforçaram a interpretação da forma bimanual de RIR como intensificada, dado que ela foi empregada (Figura 7b), quando ambas as sinalizantes fizeram referência a uma situação, na sua visão, muito mais engraçada do que aquela a que se referiram quando empregaram a forma monomanual (Figura 7a).



Figura 7. Sinal RIR em suas formas não intensificada (a) e intensificada (b), (SANCHEZ-MENDES; XAVIER, 2016: 302)

XAVIER (2013, 2014) também documenta um caso de duplicação de mãos para a expressão de intensidade em um vídeo disponível no Youtube³. Como mostram as imagens em (8), desta vez o processo se deu com o sinal MAIS. Em um primeiro momento, tal sinal foi produzido como tipicamente é, ou seja, com apenas uma mão e, em seguida, com duas.



Figura 8. Sinal MAIS em sua forma típica (a)⁴ e intensificada (b) (XAVIER, 2013: 171)

Nesse vídeo, o sinalizante mostra aos espectadores o departamento de letras-libras da sua universidade. Ao dizer a estes que, além dos lugares que já mostrou, há outros, ele produz o sinal MAIS com uma mão (Figura 8a). Depois de mostrar esses outros lugares, ele se dirige novamente aos espectadores e lhes pergunta se eles acham que o que mostrou até aquele momento é tudo. Ele mesmo responde sua pergunta dizendo que não e afirma enfaticamente que há *muito mais* para mostrar. Para expressar essa intensificação, além de alterar suas expressões faciais e corporais e de aumentar a tensão do movimento das mãos, o sinalizante também duplicou o número de articuladores manuais do sinal MAIS (Figura 8b).

Com base em dados como este, Xavier (2013, 2014) desenvolveu um experimento com o objetivo de (1) eliciar a forma intensificada de alguns sinais monomanuais da libras e (2) checar em que medida a duplicação do número de mãos é empregada nessa língua para expressar sua intensificação.

O experimento foi realizado com 12 sinalizantes surdos, seis homens e seis mulheres, nascidos e residentes na cidade de São Paulo e com idade variando entre 17 e 60 anos. Foram eliciados nesse experimento três produções das formas basal e intensificada de 32 sinais da libras. 27 deles, os

³ <http://www.youtube.com/watch?v=H89DbjtrpPg>. A realização de MAIS com uma mão (a) ocorre em 2'37" e a com duas (b) em 7'10".

⁴ A presença da mão não-dominante resulta da perseveração de parte do sinal AGORA, que precede o sinal MAIS neste fragmento.

sinais-alvo, foram selecionados por terem sido observados sofrer duplicação de seu número de mãos para a expressão de intensidade em sinalizações espontâneas. Cinco, usados como distratores, foram selecionados por não apresentarem duplicação de mãos em sua forma intensificada, mas mudanças em outros parâmetros articulatórios como a configuração de mão (PACIÊNCIA, figura (9)) ou a localização (EXPERIÊNCIA, figura (10)).

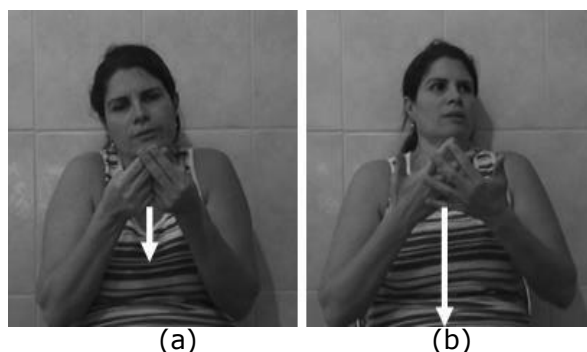


Figura 9. PACIÊNCIA em sua forma não intensificada (a) e intensificada (b) (XAVIER, 2013: 172)

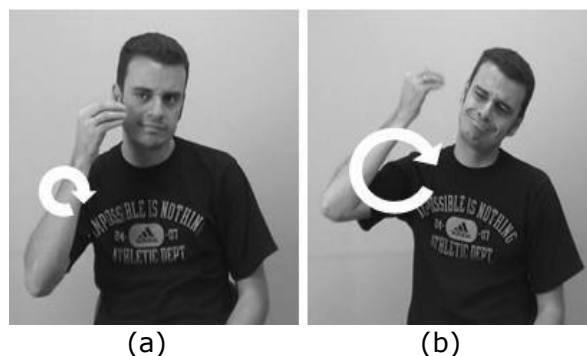


Figura 10. EXPERIÊNCIA em sua forma (a) de citação e (b) intensificada (XAVIER, 2013: 172)

De acordo com os resultados do experimento, 50% dos participantes duplicaram o número de mãos na produção da forma intensificada pelo menos uma vez. Os outros 50% nunca o fizeram. Com base nisso, pode-se dizer que embora os usuários da libras empreguem a duplicação do número de mãos como um dos recursos para expressar intensidade, ela é opcional em libras. Uma ilustração disso pode ser observada nas imagens em (11), em que aparece o sinal NÃO-TER realizado, na forma intensificada, com duas mãos por um dos sujeitos (Figura 11b) e, como pela maioria deles, com apenas uma mão (Figura 11d). Nesse último caso, a expressão de intensidade ficou a cargo da expressão facial e das características do movimento do sinal.

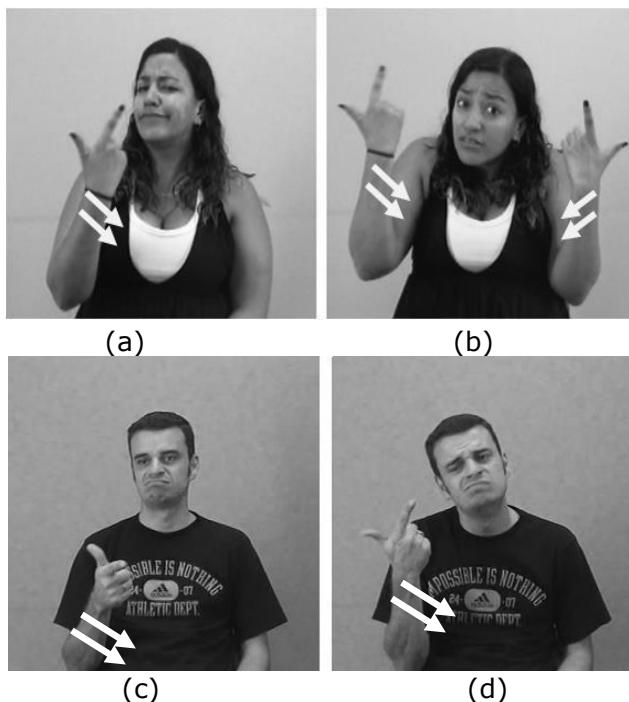


Figura 11. Sinal NÃO-TER em sua forma não intensificada (a,c) e intensificada (b,d) (XAVIER, 2013: 177)

Apesar da opcionalidade da duplicação do número de mãos na expressão de intensidade de alguns sinais da libras, todos os sujeitos foram consistentes ao empregar mudanças em suas expressões faciais e corporais, bem como nas características do movimento das mãos (extensão, iteração e tensão), quando produziam a forma intensificada de todos os sinais do experimento. Esse fato sugere a obrigatoriedade dessas mudanças para a expressão de intensidade em libras.

Os estudos de XAVIER (2013, 2014) também revelou a ocorrência de variação inter e intra-sujeito no que diz respeito à duplicação do número de mãos para fins de expressão de intensidade. A variação inter-sujeito foi evidenciada pelo fato de os sujeitos não aplicarem o processo em questão com a mesma frequência e aos mesmos sinais. Já a variação intra-sujeito foi evidenciada pelo fato de alguns sujeitos realizarem a forma intensificada algumas vezes com duas mãos e algumas vezes com apenas uma.

O objetivo deste trabalho é avançar na descrição da expressão de intensidade em libras, por meio da reanálise dos dados de dois dos 12 participantes dos estudos de XAVIER (2013, 2014). Especificamente, este artigo pretende (1) comparar as formas basal e a intensificada de 32 sinais da libras tal como produzidas por cada sujeito, a fim de identificar os recursos manuais e não-manuais empregados para expressar intensidade e (2) comparar as formas intensificadas de todos os sinais, objetivando com isso

identificar padrões no processo de intensificação em libras.

2. Metodologia

Para este trabalho, foram analisados os dados de dois dos 12 sujeitos surdos que participaram dos estudos sobre duplicação de mãos na expressão de intensidade em libras, realizados por XAVIER (2013, 2014). Um desses sujeitos tinha 29 anos e o outro 37 quando participaram do estudo e, assim como os demais, nasceram e residem na cidade de São Paulo. Sua seleção levou em consideração os resultados obtidos por Xavier, logo, teve o cuidado de abranger tanto um dos sujeitos que duplicaram o número de mãos quando produziram a forma intensificada de pelo menos um dos sinais-alvo, quanto um dos que nunca o fizeram. Essa seleção também primou por evitar diferenças relacionadas ao sexo e à idade de aquisição da libras. Para tanto, foram escolhidos dois sujeitos do sexo feminino que, por serem filhas de pais ouvintes não sinalizantes, aprenderam libras apenas depois de ingressar na escola especial entre dois e cinco anos.

Os dados aqui tratados consistem de três produções de 32 sinais, em sua forma isolada⁵, em duas condições, basal (ou não intensificada) e intensificada, por cada um dos dois sujeitos ($3 \times 32 \times 2 \times 2 = 384$). Diferentemente de WILBUR, MALAIA E SHAY (2012), os dados aqui analisados não parecem pertencer a uma classe gramatical específica como a dos adjetivos. Na verdade, estudos sobre a categorização lexical na libras são ainda escassos e não conclusivos (FARIA, 2002; PIZZIO, 2011; LIMA, 2012; CHAIBUE, 2013). Nesse sentido, é importante frisar que a classe morfossintática sugerida pela glosa dos sinais analisados (Tabela 1) é mero reflexo do uso do português para representar palavras da libras.

ALÍVIO	FÁCIL	NÃO-TER	PACIÊNCIA
BOM	FOME	NOSSA (interjeição)	PERIGOS@
BONIT@	GRITAR	NERVOS@	PRECISAR
CALOR	IMPOSSÍVEL	NUNCA	PROFISSIONAL
CHUVA	INTERESSANTE	OBRIGAD@	QUERER
DESCULPA	JÁ	OK	SACRIFICIO
DESEJO	NÃO	O-QUE	SIM
EXPERIÊNCIA	NÃO-SABER	ÓTIM@	SOFRER

Tabela 1. Sinais eliciados por Xavier (2013, 2014) em sua forma basal e intensificada

Embora essas três repetições, coletadas em vídeo, tenham sido eliciadas em ordem aleatória, uma edição posterior as dispôs em sequência, facilitando a comparação entre elas. A análise de cada uma dessas produções foi

⁵ Para um estudo sobre a expressão de intensidade e sua interação com diferentes modalidades (asserção e interrogação) em enunciados da libras, ver Paiva et al. (submetido).

realizada por meio do *software* Elan⁶, que permitiu tanto sua segmentação, isto é, a determinação de seu início e fim, quanto sua descrição, através de anotações sincronizadas ao vídeo. Por seguir critérios discutidos por XAVIER, TKACHMAN e GICK (2015), a segmentação não se restringiu à fase expressiva do sinal, mas incluiu também a sua fase de preparação. O início da preparação e o fim da fase expressiva foram determinados com base nas atividades manuais. Precisamente, estabeleceu-se como marco inicial da preparação o primeiro *frame* em que a(s) mão(s) pode(m) ser vista(s) saindo do repouso. Já em relação ao fim da fase expressiva, determinou-se que ele corresponde ao *frame* que antecede o início do retorno da(s) mão(s) ao repouso.

Vale registrar que nem sempre é fácil determinar quando a fase expressiva terminou e a(s) mão(s) começa(m) a retornar para o repouso (retração). Isso ocorre, sobretudo, em sinais em que o movimento final, assim como o movimento que leva as mãos para o repouso, é para baixo. Nesses casos, usaram-se outras pistas como mudanças na expressão facial e/ou direção do olhar ou, simplesmente, não se fez a distinção entre a fase expressiva e a retração.

A descrição, por sua vez, se deu por meio de trilhas no Elan, criadas para registrar tanto o comportamento de articuladores não-manuais, quanto os aspectos do(s) articulador(es) manual(is), listados no quadro (2).

	Glosa	
Articuladores não-manuais	Sobrancelhas	
	Olhos	
	Bochechas	
	Boca	
	Cabeça	
	Tronco	
	Aspectos do(s) articulador(es) manual(is)	Configuração de mão
Orientação da palma		
Localização		
Movimento		Repetição
		Aumento da trajetória
		Soltura retardada
Número de mãos		

Quadro 2. Articuladores não-manuais e aspectos do(s) articulador(es) manual(is) anotados no Elan para cada realização dos sinais analisados

Embora WILBUR, MALAIA E SHAY (2012) falem de mudanças globais nas expressões faciais, optou-se aqui por anotar as atividades de cada parte da face separadamente. Sendo assim, nas trilhas referentes às atividades não-

⁶ <https://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/>

manuais, registrou-se se as sobrancelhas estão em posição neutra, ou se estão franzidas ou levantadas; se os olhos estão arregalados ou semicerrados, se as bochechas estão neutras ou infladas; se a boca se move articulando parcial ou totalmente a palavra do português correspondente ao sinal produzido ou se aparece produzindo outro tipo de movimento; se a cabeça e o tronco estão inclinados ou em posição neutra. Em caso de haver inclinação, especificou-se se ela é para frente, para trás, para a direita ou para a esquerda. Já nas trilhas referentes aos aspectos manuais, anotaram-se alterações na configuração de mão, na orientação da palma, na localização, no movimento (número de repetições, aumento da trajetória e ocorrência de início retardado) e no número de mãos empregadas na articulação do sinal.

Os dados obtidos através das anotações do Elan foram analisados qualitativa e quantitativamente. A análise qualitativa contou com a assistência de um sinalizante surdo, nativo de libras⁷. A análise quantitativa envolveu a realização de testes estatísticos por meio do R⁸. Precisamente, realizou-se o teste-z de duas proporções para comparar as diferentes frequências de comportamentos das sobrancelhas e das bochechas, oralizações e inclinações da cabeça nas formas basal e intensificada e o teste Mann-Whitney para comparar, nessas mesmas formas, seu número de repetições de movimentos e, à semelhança de Paiva et al. (submetido), sua duração. Vale registrar que esta última foi indiretamente obtida pela delimitação de cada sinal no Elan.

3. Resultados

Uma primeira análise dos dados revelou que os sujeitos empregaram sinais diferentes para 'fácil', 'o que', 'já' e 'sim'. Somando-se a isso, pelo menos um deles empregou, além do sinal correspondente a 'calor', 'desculpa', 'não ter' e 'profissional'⁹, um outro, quando produziu sua forma intensificada. Os sinais para 'fácil', 'o que', 'já', 'sim', e 'não ter' foram desconsiderados, por impedirem uma comparação entre os sujeitos. Foram mantidos os sinais para

⁷ A discussão das anotações feitas no Elan com um surdo sinalizante foi uma etapa fundamental na análise dos dados aqui reportados. Entre as razões, destaca-se o fato de nem sempre serem facilmente apreensíveis ou mesmo claras certas sutilezas na sinalização, sobretudo para um pesquisador que, como o autor, apesar de fluente, não é nativo de libras.

⁸ <https://www.r-project.org/>

⁹ Após os sinais CALOR e NÃO-TER, em sua forma intensificada, o Sujeito 1 produziu, respectivamente, os sinais SUAR e LIMP@. O sujeito 2, por sua vez, produziu, depois da forma intensificada de DESCULPAR, um sinal para o qual ainda não há uma glosa convencional. Antes de PROFISSIONAL, tanto na forma basal, quanto na intensificada, o mesmo sujeito produziu o sinal PRÁTICA. Embora o primeiro sinal, assim como os empregados pelo Sujeito 1, pareçam desempenhar o papel de intensificadores, o segundo parece constituir com PROFISSIONAL uma expressão ou um composto, pelo menos para o Sujeito 2. Essa variação também foi reportada por Xavier e Barbosa (2014).

'calor', 'desculpa' e 'profissional', porque, diferentemente de 'não ter', a realização de outro sinal depois deles não afetou nenhum de seus aspectos manuais e não-manuais, tampouco sua duração. Assim, os resultados que seguem dizem respeito a 27 sinais, produzidos em duas condições, basal e intensificada, e repetidos três vezes por dois sujeitos ($27 \times 2 \times 3 \times 2 = 324$).

3.1 Articuladores não-manuais

A análise do comportamento das sobrancelhas tanto na produção da forma basal quanto na produção da forma intensificada revelou uma tendência, para ambos os sujeitos, em apresentá-las mais frequentemente, no primeiro caso, em posição neutra ou levantadas (81,5% no caso do Sujeito 1 e 79%, no caso do Sujeito 2), e no segundo, franzidas ou com a mesma disposição da forma basal, porém com mais tensão (66,6%, no caso do Sujeito 1 e 62,5%, no caso do Sujeito 2) (Figura 12). Essas frequências, submetidas ao teste-z de duas proporções ($\alpha = 0,05$), resultou significativas para ambos os sujeitos (Sujeito 1: p (basal) = $2,767 \cdot 10^{-8}$, p (intensificado) = 0,003866; Sujeito 2: p (basal) = $1,482 \cdot 10^{-7}$, p (intensificado) = 0,03365). Além disso, essa análise, associada à análise do comportamento dos olhos, revelou uma ação conjunta entre estes e as sobrancelhas em quase 100% dos casos. Como ilustram as imagens em (13), quando as sobrancelhas estavam levantadas ou franzidas, por exemplo, os olhos apareciam, respectivamente, arregalados ou semicerrados em variados graus.

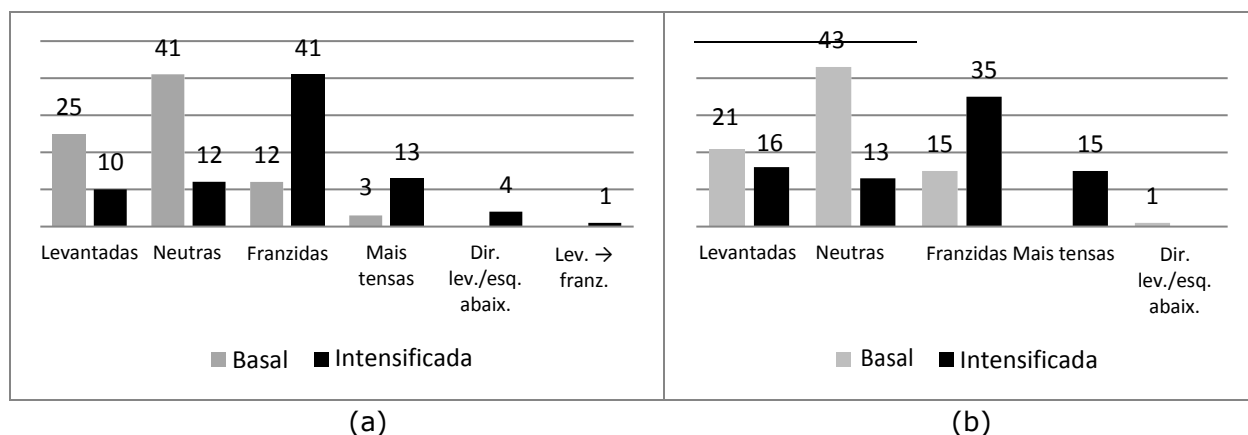


Figura 12. Frequência dos diferentes comportamentos das sobrancelhas na produção das formas basal e intensificada pelos sujeitos 1 (a) e 2 (b)

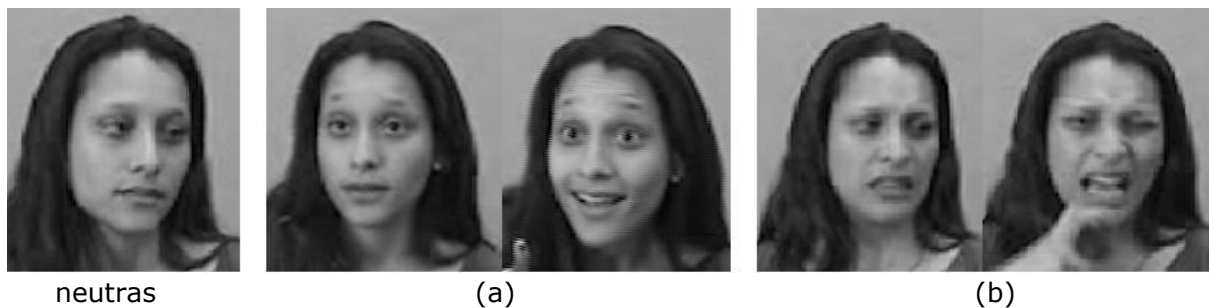


Figura 13. Ilustração do comportamento conjunto das sobrancelhas e dos olhos: (a) levantadas e (b) franzidas em dois graus de tensão

Em relação ao comportamento das bochechas, observou-se que dos 27 sinais analisados, apenas 11 as apresentaram infladas em alguma de suas realizações¹⁰. Como os gráficos em (14) indicam, no entanto, sua ocorrência predominou entre as produções do Sujeito 2. As formas intensificadas dos 11 sinais em questão foram 55,5% das vezes produzidas com as bochechas infladas. Apesar disso, o teste-z de duas proporções ($\alpha = 0,05$) não resultou significativo. Exemplos de sinais intensificados em que o sinalizante inflou suas bochechas são apresentados na figura (15).

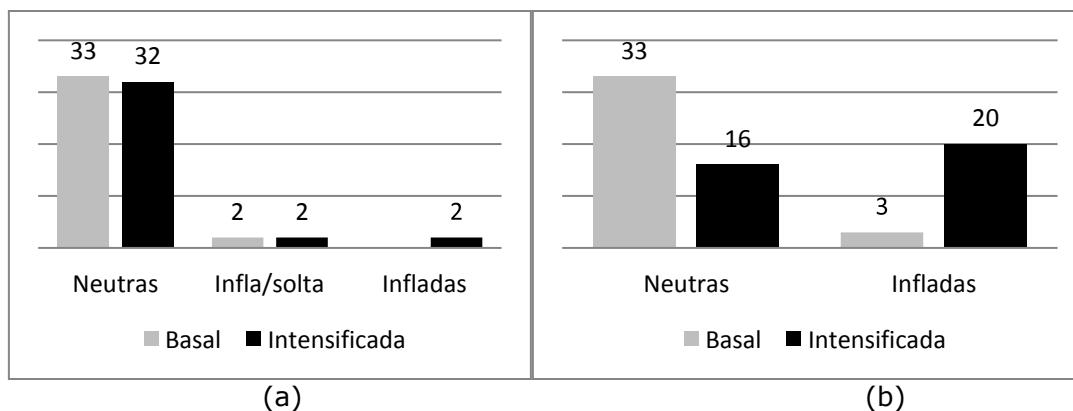


Figura 14. Frequência dos diferentes comportamentos das bochechas na produção das formas basal e intensificada pelos sujeitos 1 (a) e 2 (b)

¹⁰ ALÍVIO, BOM, CALOR, CHUVA, EXPERIÊNCIA, IMPOSSÍVEL, NÃO-SABER, NERVOS@, PACIÊNCIA, PROFISSIONAL e SACRIFÍCIO.

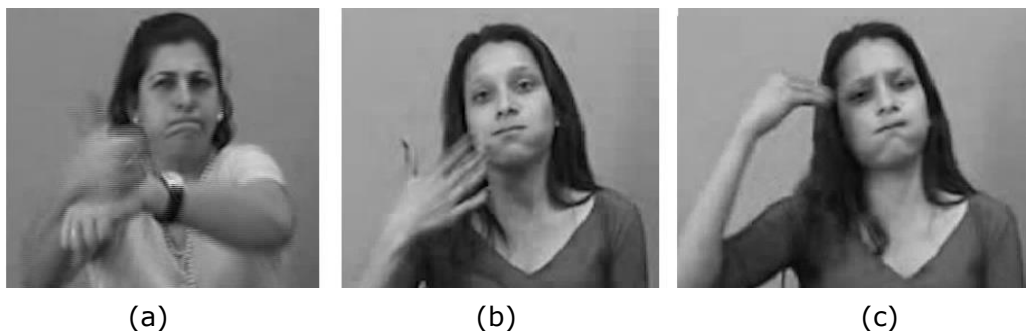


Figura 15. Exemplos de sinais em que a forma intensificada apresentou as bochechas infladas: (a) PROFISSIONAL, (b) CALOR e (c) EXPERIÊNCIA

A boca se mostrou um dos parâmetros de maior dificuldade para descrição e, como tal, merece um estudo mais aprofundado. Aqui, tratar-se-á apenas de um de seus comportamentos mais documentados: a oralização total ou parcial da palavra da língua oral (no caso da libras, o português) correspondente ao sinal produzido (SANDLER, 2009).

Observou-se a ocorrência de alguma forma de oralização em 13 dos 27 sinais aqui analisados¹¹. Apenas uma dessas ocorrências se deu nos dados do Sujeito 1. Todas as demais, 44, se encontram nos dados do Sujeito 2. Dessas, 56,8% ocorreram na forma basal e 43,2% na forma intensificada. Essa diferença, submetida ao teste-z de duas proporções ($\alpha = 0,05$), não se revelou estatisticamente significativa. Tal fato sugere que, embora algumas configurações da boca desempenhem algum papel na expressão de intensidade em libras, a oralização, nem pela sua ausência, parece ter qualquer função no mesmo processo.

Diferentemente de WILBUR, MALAIA e SHAY (2012) que documentam a ocorrência de inclinação lateral da cabeça na intensificação de adjetivos na ASL, sua manifestação nos dados da libras aqui analisados não sugere o mesmo, pelo menos para os dois sujeitos considerados. Somando-se as frequências de inclinações da cabeça, observa-se que, para o Sujeito 1 (Figura 16a), elas ocorrem mais na forma basal (59,5%) do que na forma intensificada (28,5%). O Sujeito 2, por sua vez, apresentou frequências não muito diferentes para as duas condições: 57,1% na forma basal e 52,3% na forma intensificada. O teste-z de duas proporções ($\alpha = 0,05$) só foi significativo para a frequência de inclinações da cabeça nas produções da forma intensificada pelo Sujeito 1 ($p = 0.0001341$). Nesse caso, no entanto, a frequência de inclinações da cabeça é menor do que a da forma basal, sugerindo assim, uma tentativa de evitar seu uso, no lugar da posição neutra da cabeça.

¹¹ BOM, DESCULPA, DESEJO, EXPERIÊNCIA, FOME, IMPOSSÍVEL, NÃO-SABER, NOSSA (interjeição), NUNCA, OBRIGAD@, ÓTIM@, QUERER e SACRIFÍCIO.

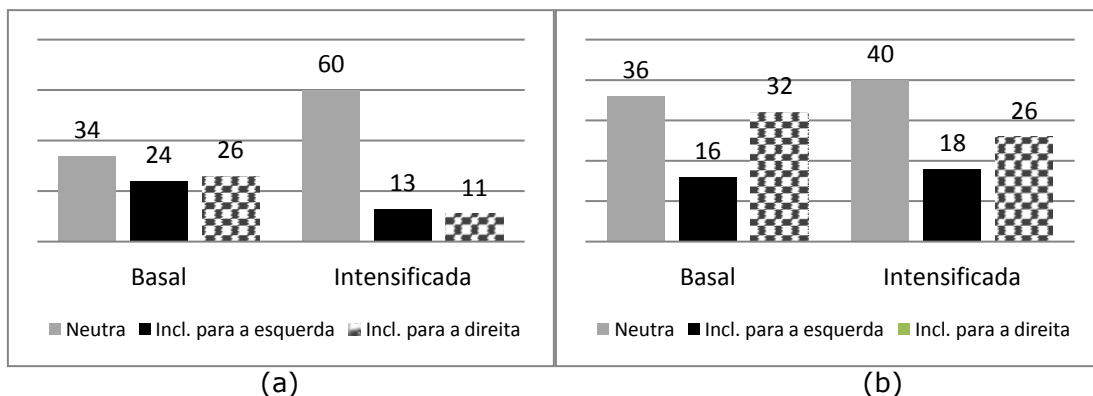


Figura 16. Frequência duas posições da cabeça na produção das formas basal e intensificada pelos sujeitos 1 (a) e 2 (b)

Em relação à posição do tronco, observou-se uma predominância da posição neutra na forma basal e das marcadas (inclinadas para frente, para trás ou para um dos lados) na forma intensificada (Figura 17). Vale registrar que na maioria dos casos a inclinação do tronco para frente e para trás foi acompanhada pela cabeça, ainda que, como se viu, esta pudesse, ao mesmo tempo, variar sua posição lateralmente.

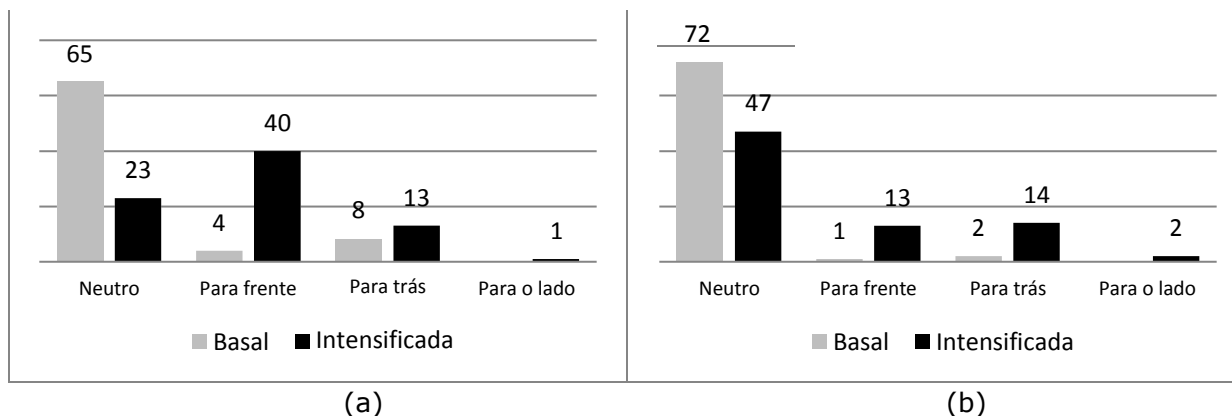


Figura 17. Frequência das diferentes posições do tronco na produção das formas basal e intensificada pelos sujeitos 1 (a) e 2 (b)

3.2 Aspectos dos articuladores manuais

A forma intensificada de alguns sinais apresentou algumas alterações nos aspectos de seus articuladores manuais. Foram observadas mudanças na configuração de mão de sete sinais (25,9% do total de sinais analisados). Em sete deles, a configuração da forma intensificada apresentou uma expansão (maior abertura e/ou maior número de dedos) em relação a como foi produzida na forma basal. Esse foi o caso de CHUVA e GRITAR (Figura 18a), para os dois sujeitos, de BONIT@, CALOR e PACIÊNCIA para o Sujeito 1 e de INTERESSANTE para o Sujeito 2. A única exceção a esse padrão foi o sinal

OBRIGAD@, cuja configuração na forma intensificada de ambos os sujeitos aparece, em vez de expandida, comprimida por meio da flexão das juntas proximais e maior adução dos dedos (Figura 18b).



Figura 18. Sinais GRITAR (a) e OBRIGAD@ (b) cuja forma intensificada apresentou mudanças na configuração de mão em relação à forma basal

Alterações na orientação da palma e na localização foram identificadas em poucos casos. Alterações do primeiro tipo ocorreram unicamente nas produções do Sujeito 1, quando este realizou a forma intensificada dos sinais FOME e GRITAR. Como mostra a figura (19a), na forma basal FOME é articulado com as pontas dos dedos apontando para o lado e na intensificada com eles voltados para o sinalizante. Já alterações do segundo tipo foram observadas nas produções da forma intensificada dos sinais ÓTIM@ e IMPOSSÍVEL de ambos os sujeitos (Figura 19b,c). Diferentemente dos casos em que a localização do sinal muda em função do aumento da trajetória, tratado a seguir, a realização da localização total ou final em um ponto mais alto do espaço de sinalização não decorre, no caso de ÓTIM@ e IMPOSSÍVEL, do alongamento de seu movimento. Teoricamente, ambos os sinais poderiam sofrer esse alongamento e não ser realizados em localizações mais altas.





(c)

Figura 19. Formas basal e intensificada do sinal FOME (a) e dos sinais ÓTIMO@ (b) e IMPOSSÍVEL (c)

Como reportado por XAVIER (2013, 2014), a duplicação de mãos para a expressão de intensidade em libras não é obrigatória. Isso explica porque ela se manifestou apenas nos dados de um dos dois sujeitos e em apenas cinco dos 27 sinais analisados (18,5%)¹². Alterações no tipo de movimento, embora não previstas, foram também identificadas nas produções da forma intensificada de três sinais, NERVOS@, PACIÊNCIA e NUNCA, do Sujeito 1. No primeiro sinal, observou-se a mudança de movimentos bidirecionais e curtos (de vai-e-vem) sobre o antebraço não-dominante na forma basal para um movimento semicircular e amplo (Figura 20). No segundo e no terceiro, observou-se, respectivamente, a mudança para um movimento circular e para um movimento reto para trás.

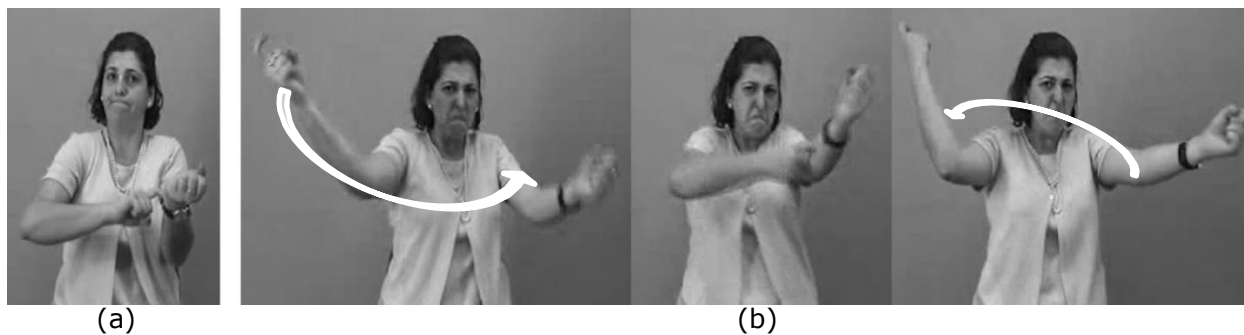


Figura 20. Sinal NERVOS@ cuja forma intensificada (b) apresentou mudanças no tipo de movimento em relação à forma basal (a)

No que diz respeito ao impacto da intensificação sobre a repetição do movimento, os 27 sinais analisados podem ser divididos em dois grupos: um compreendendo aqueles que não foram afetados pelo processo e outro englobando os que aparentemente foram. No primeiro grupo, que corresponde a 40,7% desses sinais, estão 11 sinais que não apresentam repetição de movimento na sua forma basal e assim continuaram mesmo

¹² FOME, GRITAR, NOSSA, QUERER e SOFRER.

depois de serem intensificados¹³. No segundo grupo, estão sinais que apresentam ou não repetição na forma basal, mas que, com raríssimas exceções, apresentaram alguma variação, em relação à forma basal, no número de repetições de seu movimento em sua forma intensificada. Apesar de os *boxplots* em (21) indicarem uma diferença entre o número de repetições na forma basal e intensificada para ambos os sujeitos, o teste Mann-Whitney ($\alpha = 0,05$) só resultou significativo para o Sujeito 1 ($W = 708$, $p = 0.0004532$).

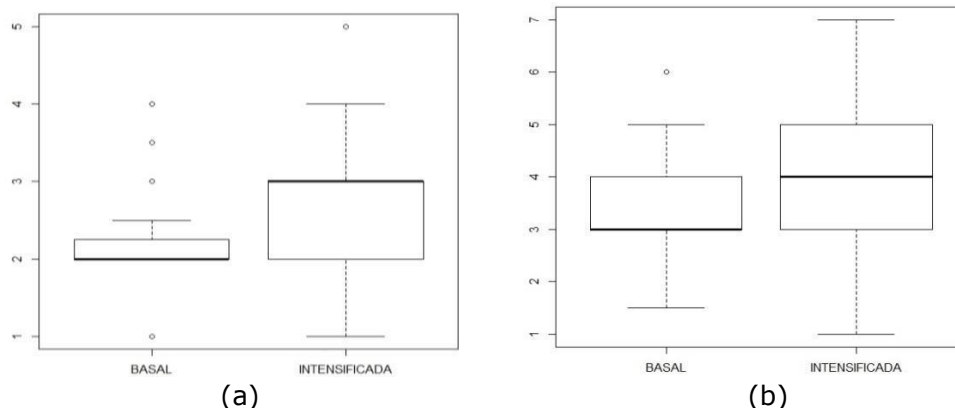


Figura 21. *Boxplots* para o número de repetições de movimento das formas basal (1) e intensificada (2) do Sujeito 1 (a) e 2 (b)

O aumento da trajetória do movimento foi observado na forma intensificada de 15 sinais para o Sujeito 1 e sete, para o Sujeito 2. Apesar dessa diferença, ambos os sujeitos foram bastante consistentes no emprego desse recurso. O Sujeito 1 aumentou a trajetória do movimento nas três produções de 11 sinais (73,3%), enquanto o Sujeito 2 o fez em cinco (71,4%). Na maioria dos casos, esse aumento consistiu simplesmente em fazer a(s) mão(s) percorrer(em) um trajeto maior e, conseqüentemente, em alongar o movimento, como se pode ver em SACRIFÍCIO (Figura 22).



(a)

¹³ ALÍVIO, BOM, BONIT@, DESEJO, GRITAR, INTERESSANTE, NÃO-SABER, ÓTIM@, OK, QUERER (Sujeito 2) e SACRIFÍCIO.



(b)

Figura 22. Forma basal (a) e intensificada (b) com aumento de trajetória do sinal SACRIFÍCIO

Em alguns casos, observou-se que o aumento da trajetória do movimento foi obtido por meio da *proximalização*, ou seja, da flexão de uma junta mais próxima ao corpo em relação àquela empregada na forma basal (CRASBORN, 2001). Isso aconteceu nas produções da forma intensificada de CHUVA (Figura 23), para ambos os sujeitos, de PRECISAR, para o Sujeito 1, e de CALOR, para o Sujeito 2. É importante ressaltar, no entanto, que nem sempre a proximalização inibiu a flexão na junta original.



(a)

(b)

Figura 23. Forma basal (a) e intensificada (b) com aumento de trajetória obtida pela proximalização do sinal CHUVA

Os sinais também foram analisados quanto à demora na soltura de seu movimento como forma de marcar intensidade, tal como atestado na ASL por WILBUR, MALAIA E SHAY (2012). Nos dados aqui reportados, só foram identificados três sinais em que esse fenômeno ocorreu: BOM (Sujeito 1) e INTERESSANTE e OBRIGAD@ (Sujeito 2). Todos esses sinais apresentam contato entre a mão e uma parte do rosto antes de seu movimento. Esse contato, visivelmente alongado na forma intensificada dos dois sinais, foi mensurado e, como se pode ver nos *boxplots* em (24), apresentou medianas bem distintas em cada uma das formas. Apesar disso, sua comparação através do teste Mann-Whitney ($\alpha=0,05$) não resultou significativa, fato que talvez se explique pelo tamanho da amostra.

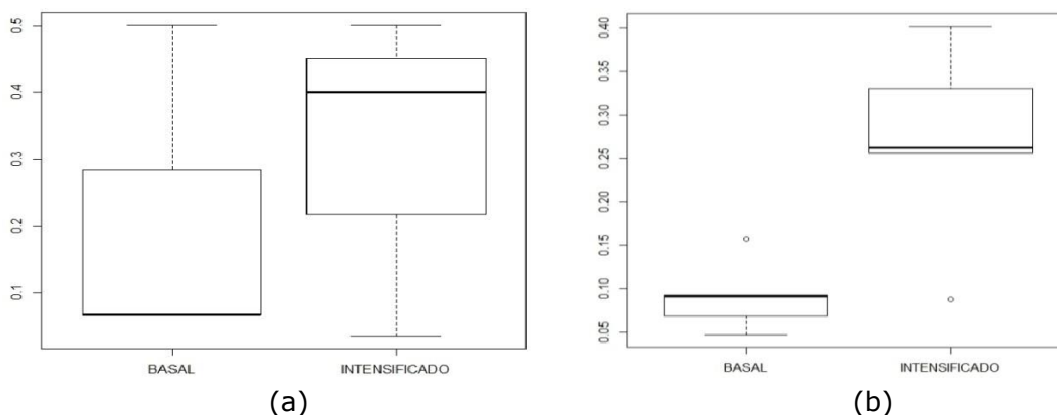


Figura 24. *Boxplots* para duração do contato nas formas basal (1) e intensificada (2) de BOM, Sujeito 1 (a), e INTERESSANTE e OBRIGAD@, Sujeito 2 (b)

Por fim, foram comparadas as durações das formas basal e intensificada de cada sujeito. Essa comparação, como indicam os *boxplots* em (25), sugeriu uma diferença entre elas, a qual foi estatisticamente confirmada pelo teste Mann-Whitney ($\alpha=0,05$) tanto para o Sujeito 1 ($U = 1568, p = 3,089.10^{-12}$), quanto para o Sujeito 2 ($U = 2488, p = 0,008047$), tal como nos achados de Paiva et al. (submetido). Nos termos dos nossos dados, isso se explica pelo aumento da trajetória e/ou número de repetições e/ou retardamento da soltura.

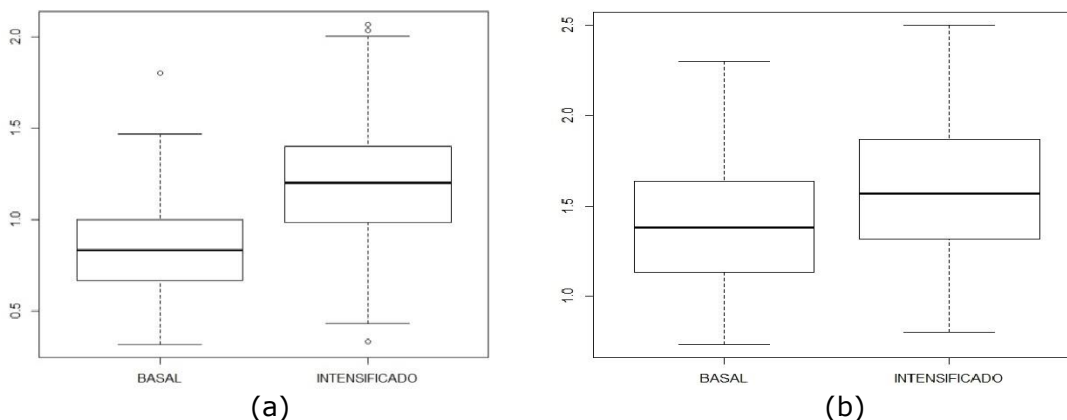


Figura 25. *Boxplots* para duração das formas basal (1) e intensificada (2) do Sujeito 1 (a) e 2 (b)

Vale registrar que, embora o revisor surdo tenha interpretado quase 100% das formas intensificadas como tal, ele rejeitou as realizações supostamente intensificadas de OK (Figura 26a) do Sujeito 1 e PRECISAR (Figura 26b) do Sujeito 2. Sua intuição vai ao encontro da análise aqui reportada, uma vez que nenhuma marcação semelhante às identificadas em outros sinais foi observada em OK e a única possível marcação de intensidade

observada em PRECISAR diz respeito ao número de repetições que, talvez, não seja perceptualmente o parâmetro mais relevante. Como mostram as imagens em (26), coincidentemente, a única distinção entre a forma basal e a supostamente intensificada de ambos os sinais está no sorriso presente na última, o qual, segundo o revisor surdo, não funciona como um intensificador em libras e, provavelmente, foi motivado pelo estímulo.



Figura 26. Forma basal e forma supostamente intensificada dos sinais OK (a) e PRECISAR (b)

4. Discussão

A seção anterior evidenciou o emprego de uma profusão de recursos manuais e não-manuais na expressão de intensidade em libras. Nesta seção, o objetivo é demonstrar que, apesar dessa diversidade, existem princípios que unificam o emprego desses recursos.

WILCOX (2004) propõe, no âmbito da linguística cognitiva, um modelo para explicar a iconicidade, ou seja, a motivação da forma linguística, como comumente entendida. Entre os exemplos de sinais icônicos da ASL que cita está DEVAGAR (*slow*) (Figura 27a), cuja forma, através de um movimento lento realizado pela mão dominante, “mimetiza” aspectos de seu significado. Para Wilcox, no entanto, a iconicidade linguística não se manifesta apenas dessa maneira. A motivação da forma pelo significado também pode ser obtida por meio de extensões metafóricas. Ele ilustra tal fato através de casos de intensificação na ASL.

Por ser abstrata, a intensidade é, em geral, metaforicamente conceitualizada em termos de noções mais concretas. Uma dessas noções, de acordo com Wilcox, seria “o aumento e a soltura repentina de pressão interna, como acontece quando agitamos uma lata de refrigerante e então a abrimos” (p. 124). Segundo o autor, essa associação entre ‘intensidade’ e ‘soltura repentina da pressão interna’ é iconicamente representada na forma intensificada de adjetivos da ASL por meio de uma suspensão seguida de uma soltura repentina, o que vem sendo designado aqui como soltura retardada.

Interessantemente, esse processo é atestado mesmo com o sinal DEVAGAR (*slow*), que na forma MUITO-DEVAGAR (*very slow*) apresenta soltura repentina seguida de movimento rápido (Figura 27b).

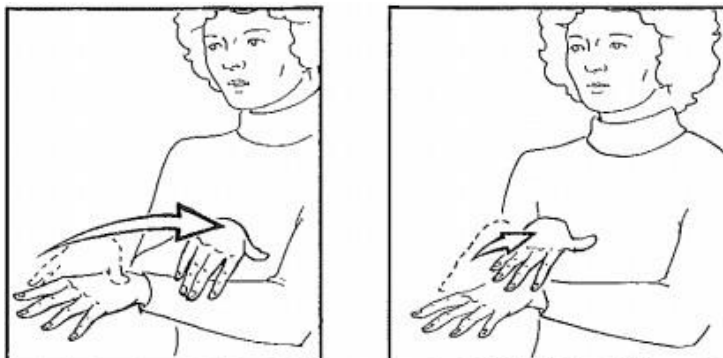


Figura 27. Formas basal (a) e intensificada (b) do sinal DEVAGAR (*slow*) da ASL reproduzidos de Klima e Bellugi (1979: 31)

A extensão metafórica proposta por Wilcox também se mostra válida para os poucos casos de soltura retardada identificados nos dados da libras aqui discutidos. Porém, a expressão de intensidade em libras parece estar metaforicamente vinculada a outras noções mais concretas, a saber, às noções de quantidade e tamanho. Evidências para a subjacência da noção de quantidade na expressão de intensidade em libras estariam, por exemplo, no aumento do número de dedos em certas configurações, do número de repetições do movimento e na duplicação de mãos. Já evidências para a subjacência da noção de tamanho estariam no emprego de bochechas infladas, na expansão de configurações, no aumento da trajetória de movimentos e no alçamento da localização.

5. Considerações finais

O presente artigo objetivou descrever a expressão de intensidade em libras por meio de dados coletados de dois sujeitos do sexo feminino, nascidos e residentes na cidade de São Paulo. Os resultados aqui reportados apontam para diferenças entre a libras e a ASL e para uma diversidade de recursos para a expressão de intensidade em libras. Entre as diferenças sugeridas pelos dados analisados está a inclinação da cabeça e a soltura retardada na forma intensificada. Embora estes sejam reportados para a ASL por WILBUR, MALAIA e SHAY (2012), na libras a primeira não parece ser relevante e a segunda parece ser pouco frequente. Em relação à diversidade de recursos, observou-se que a intensidade pode ser expressa por meio de sobrelhas franzidas, de bochechas infladas, do tronco inclinado, de mudanças na configuração de mão, na localização, na orientação, no movimento, no número de mãos e,

globalmente, na duração do sinal. Por fim, viu-se que essa profusão de diferentes recursos é aparentemente presidida por um princípio comum, a iconicidade, de acordo com a qual a intensidade em libras tem sua manifestação motivada pelas noções concretas de quantidade e tamanho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos sujeitos que participaram dos estudos de Xavier (2013, 2014) por gentilmente permitirem o uso de suas imagens para a ilustração dos dados aqui analisados. Agradeço ao colaborador surdo, Rimar Segala, por dispende tempo na revisão das anotações do Elan e assim garantir maior acurácia na análise dos dados. Agradeço à Cristiane Silva pela ajuda com os testes estatísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BASILIO, M. *Teoria Lexical*. São Paulo: Ática. 1987.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. *Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngüe da língua de sinais brasileira*. São Paulo: Edusp, 2001. 2v.
- CHAIBUE, K. *Universais linguísticos aplicáveis às línguas de sinais: discussão sobre as categorias lexicais nome e verbo*. 2013. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.
- CRASBORN, O. *Phonetic implementation of phonological categories in Sign Language of the Netherlands*. 2001. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Leiden, Leiden, 2001.
- FARIA, C. V. S. *Aspectos da morfologia da língua brasileira de sinais*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.
- FELIPE DE SOUZA, T. A. *A relação sintático-semântica dos verbos e seus argumentos na língua brasileira de sinais (libras)*. 1998. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.
- JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. On defining lexeme in a signed language. *Sign Language and Linguistics*, 2(2), 115-185. 1999.
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. *The Signs of Language*, Cambridge: Harvard University Press, 1979.
- LIDDELL, S. K. *Grammar, gesture and meaning in American Sign Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- LIMA, H. J. *Categorias lexicais na língua de sinais brasileira: nomes e verbos*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.

MEIR, I. Word classes and word formation. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Orgs.). *Handbook on Sign Language Linguistics*. Berlin: Mouton De Gruyter, 365-387, 2012.

PAIVA et al. *Análise do papel das expressões não-manuais na intensificação em libras*. (submetido).

PIZZIO, A. L. *A tipologia linguística e a língua de sinais brasileira: elementos que distinguem nomes de verbos*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

SANCHEZ-MENDES, L.; XAVIER, A. N. A expressão da pluracionalidade em Libras. *Revista Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 45, n. 1, 292-304, 2016.

SANDLER, W. Symbiotic symbolization by hand and mouth in sign language. *Semiotica* 174, n. 1/4, 241-275, 2009.

WILBUR, R. B., MALAIA, E. E SHAY, R. A. Degree modification and intensification in American sign language adjectives, *Springer Berlin Heidelberg*, 92-101, 2012.

WILCOX, S. Cognitive iconicity: Conceptual spaces, meaning, and gesture in signed languages. *Cognitive Linguistics*, v. 15, n. 2, 119-148, 2004.

XAVIER, A. N. A duplicação do número de mãos de sinais da libras e seus efeitos semânticos. *Fórum Linguístico*, v. 12, n.1, 505-514, 2015.

_____. *Uma ou duas? Eis a questão!* Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras). 2014. Tese Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

_____. Doubling of the number of hands as a resource for the expression of meaning intensification in Brazilian Sign Language (Libras). *Journal of Speech Sciences*, v. 1, 169-181, 2013.

_____. Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras). 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____; TKACHMAN, O.; GICK, B. Towards convergence of methods for speech and sign segmentation. In: *Acoustic Week in Canada*, 2015, Halifax. Acoustics Week in Canada 2015, 2015.

_____; BARBOSA, P. A. Diferentes pronúncias em uma língua não sonora? Um estudo da variação na produção de sinais da libras, *D.E.L.T.A*, v. 30, n. 2, 371-413, 2014.

_____; BARBOSA, P. A. Com quantas mãos se faz um sinal? Um estudo do parâmetro número de mãos na produção de sinais da língua brasileira de sinais (libras), *Todas as Letras*, v. 15, n. 1, 111-128, 2013.